

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LISBOA, CAPITAL DE INTRIGA INTERNACIONAL

16 e 19 de Março de 2026

36 Hours / 1964

As Últimas 36 Horas

um filme de George Seaton

Realização: George Seaton *Argumento:* Carl K. Hittleman, Luis H. Vance com base no conto de Roald Dahl, Beware of the Dog (1944) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Philip H. Lathrop *Som:* Franklin Milton *Montagem:* Adrienne Fazan *Música original:* Dimitri Tiomkin *Direcção artística:* Edward C. Carfagno, Georfe W. Davis *Cenografia:* Henry Grace, Frank R. McKelvy *Garda-roupa:* Edith Head (não creditada) *Caracterização:* Sydney Guilaroff, John Truwe, William Tuttle *Interpretação:* James Garner (Major Jefferson Pike), Eva Marie Saint (Anna Hedler), Roy Taylor (Major Walter Gerber), Werner Peters (Otto Shack), John Banner (Ernst), Russell Thorson (General Allison), Alan Napier (Coronel Peter MacLean), Oscar Beregi Jr. (Tenente Coronel Ostermann), Ed Gilbert (Capitão Abbott), Sig Ruman (guarda alemão), Celia Lovsky (Elsa), Karl Held (Cabo Kenter), Martin Kosleck (Kraatz), etc.

Produção: Perlberg-Seaton Productions, Cherokee Productions *para a* MGM (EUA, 1964) *Produtores:* William Perlberg, James Garner *Produtor executivo:* Gordin Corenll Layne *Estreia:* 26 de Novembro de 1964, em Londres (UK); 15 de Dezembro de 1965, em Pittsburg (EUA) *Estreia comercial em Portugal:* 26 de Março de 1965, em Lisboa *Cópia:* digital, preto-e-branco, falada em inglês e alemão e legendada em inglês nos diálogos em alemão e eletronicamente em português, 115 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

36 HOURS é apresentado em formato digital blu ray, com razoável qualidade de imagem e menos razoável nas características do som em projecção. As legendas em inglês que surgem nos diálogos em alemão têm letras de corpo maior do que seria preferível. Sendo, no entanto, a única forma de apresentar o filme nesta ocasião e tendo-se concluído pelo seu relevo no programa, assim se faz, com o alerta devido aos espectadores.

Flashback para a Segunda Guerra Mundial e para as intrigas de espionagem-contra-espionagem que a realidade e o imaginário cultivaram com grande afinco. Em meados da década de 1960, a dos “novos cinemas” que imprimiam movimentos de renovação um pouco por toda a Europa, Portugal-ainda-salazarista incluído, haviam passado vinte anos sobre o fim da guerra a que sucederam os da Guerra Fria, também eles palco de agentes e acções de espionagem-contra-espionagem (e muito cinema). Próximo do clássico filme de espionagem, apimentado com paranóia e manobras delirantes, George Seaton realiza 36 HOURS para a MGM, a preto-e-branco CinemaScope, a partir da adaptação de *Beware of the Dog*, o conto de Roald Dahl originalmente publicado em 1944 na *Harper’s Magazine*. A intriga de um intricado plano nazi para aceder a informação secreta que boicote a estratégia americana passa, no filme de Seaton, episodicamente por Lisboa, lugar-âncora da acção que forja um lugar e um tempo histórico sob a sombra do pinhal onde está instalado um suposto hospital militar.

Saudações. Lisboa participa da ideia da neutralidade portuguesa, quase resumida à imagem do postal ilustrado que serve o *raccord* para a vista do Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade com rio ao fundo a partir do Parque Eduardo VII. A imagem amplia essa vista a partir do grande plano do postal em que está inscrita a palavra portuguesa que indica cumprimentos para uma “imagem em movimento real” da rotunda lisboeta enquanto a música, variando sobre acordes tradicionais portugueses, mas pouco, abre para os planos seguintes junto aos antigos armazéns do porto de Lisboa ao Cais do Sodré. São imagens “tipicamente alfacinhas” de rio, faina, casario, muita gente, burricos, frutas e legumes e redes de pesca, um cauteleiro a anunciar (dobrado) a roda que há-de andar no dia seguinte. James Garner ainda compra duas peças de fruta a uma vendedeira e olha para o fora de campo cinematográfico de um bairro antigo e da fachada da embaixada alemã. Ainda percorre umas ruelas e umas escadinhas até ser drogado num café-restaurant que parece uma gruta esconsa algures – imagina-se – pelo Cais do Sodré. E então começa a dança dos enganos. Um sinal indica caminho para a Portela de Sacavém. Adeus Lisboa.

Missão impossível. A personagem do oficial do exército americano viaja em missão para se encontrar, em Lisboa, com um agente duplo poucos dias antes do Desembarque na Normandia, a Invasão dos Aliados de Junho de 1944 que ficou conhecida como “Dia D”. Interceptado pelos alemães, que o drogam e raptam, o Major Jefferson Pike (a personagem de James Garner) é levado para o dito “hospital” como se estivesse estado em coma durante seis anos, farsa que é engenhosamente montada com jornais e noticiário radiofónico entre demais requintes de malvadez. As trinta e seis horas em que a acção decorre são as que o herói passa, primeiro acreditando na bondade do suposto médico e da suposta enfermeira que dele cuidam para que revele o plano americano em curso – as personagens de Rod Taylor (Major Walter Gerber) e Eva Marie Saint (Anna Hedler); depois decifrando o logro graças ao bater alemão dos calcanhares de um outro oficial; e num terceiro momento fugindo com Anna, entretanto desarmada no fundo do coração como sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz (número tatuado no braço) onde fora vítima de tenebrosos, reptidos, abusos sexuais (o que mais tarde conta a Pike, para que entenda como lhe é insuportável o contacto masculino). Notou o historiador Rui Lopes, a propósito de 36 HOURS no contexto deste programa, como “antecipa um dos enredos mais recorrentes da famosa série de espionagem Missão Impossível (que estreia na TV dois anos depois), embora essa série reverta os papéis: nela, são os heróis que enganam (heroicizando assim as conspirações e operações de desinformação da CIA), o que altera a dinâmica do suspense (pois tememos que o vilão descubra a verdade)”.

Uma furtiva lágrima. James Garner e Eva Marie Saint encontraram-se, pois, nos papéis do major americano e da enfermeira alemã antes de as suas personagens de GRAN PRIX (John Frankenheimer, 1966) existirem noutra tipo de aventura. Eva Marie Saint fizera as travessias no comboio onde conhece Cary Grant com quem, cortesia da intriga de NORTH BY NORTHWEST de Alfred Hitchcock (1954), corre ainda por penhascos como uma das inesquecíveis personagens de Hitchcock. Neste filme, como é transparente e análises anteriores referiram, a sua personagem, com o relato pavoroso da história que carrega e manifesta em visíveis marcas físicas e psicológicas, é uma força do filme. Uma novidade em Hollywood, tanto mais quanto representada por uma grande estrela. E conseqüente até no desfecho, em que o *happy end* é a conquista da lágrima que verte dos olhos de Anna no momento da despedida, com os vidros das janelas de dois automóveis de permeio. A primeira lágrima depois do campo de concentração que lhas secou numa armadura de rigidez emocional.

À superfície um filme de espionagem típico da Guerra Fria, 36 HOURS vai mais fundo como é transparente, e outras análises mencionam, por se tratar de uma obra que, a par da coragem do retrato atroz que conflui na personagem de Eva Marie Saint, sinaliza os ínvios caminhos do controlo dos seres humanos, desgraçadamente actual noutros e nestes tempos. Talvez aí tenha morado o interesse especial de George Seaton e James Garner, realizando, produzindo e interpretando um filme que arrisca encarar um espelho excessivamente verídico.

Maria João Madeira